

DE PASSAGEM:
artistas de língua alemã no exílio português

Título: De passagem: artistas de língua alemã no exílio português

Eds.: TERESA MARTINS DE OLIVEIRA e MARIA ANTÓNIA GASPAR TEIXEIRA

Capa: Departamento gráfico | Edições Afrontamento

Fotografia da capa: Fuselog

Edição: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP) e Edições Afrontamento

Conceção gráfica: Departamento gráfico / Edições Afrontamento

N.º de edição: 1911

Coleção: Estudos da Literatura Comparada, 19

ISBN: 978-972-36-1691-0

Depósito legal: 448858/18

Execução gráfica: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

© Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

Este livro foi desenvolvido e financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Estratégico «UID/ELT/00500/2013» e por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE «POCI-01-0145-FEDER-007339».

Edições Afrontamento, Lda.

Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt

comercial@edicoesafrontamento.pt

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP)

www.ilcml.com

De passagem: artistas de língua alemã no exílio português

Teresa Martins de Oliveira e Maria Antónia Gaspar Teixeira (eds.)



ILCML

INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA

 Edições
Afrontamento

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
INSTITUTO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

UID/ELT/00500/2013

**COMPETE
2020**

**PORTUGAL
2020**



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional



**GOVERNO DE
PORTUGAL**

POCI-01-0145-FEDER-007339

Índice

| | |
|--|-----|
| Introdução | 7 |
| <i>Teresa Martins de Oliveira e Maria Antónia Gaspar Teixeira</i> | |
| Exílio em Portugal – estudos sobre o exílio na República Federal da Alemanha. Reflexões de um germanista alemão | 13 |
| <i>Jochen Vogt</i> | |
| Portugal durante a II Guerra Mundial visto por refugiados de língua alemã | 27 |
| <i>Irene Flunser Pimentel</i> | |
| Imagens de Portugal no romance <i>Sob céus estranhos</i> de Ilse Losa | 47 |
| <i>Ana Isabel Marques</i> | |
| Ilse Losa – <i>Schreiben als Selbstvergewisserung</i> | 65 |
| <i>Gerd Hammer</i> | |
| O (ex-)casal Zweig: momentos portugueses de exílios distintos | 77 |
| <i>Maria de Fátima Gil</i> | |
| <i>Ruhe auf der Flucht</i> de Hermann Grab: uma história de exílio | 111 |
| <i>Maria Antónia Gaspar Teixeira</i> | |
| Diário de uma fuga: imagens de Portugal entre o Velho e o Novo Mundo nos exilados Erich Maria Remarque, Alfred Döblin e Heinrich Mann | 127 |
| <i>Maria de Lurdes das Neves Godinho</i> | |
| Erika Mann de passagem por Lisboa | 143 |
| <i>Gonçalo Vilas-Boas</i> | |
| Impressões do Estado Novo: a imagem de Portugal na obra <i>Begegnungen in Europa und Amerika</i> de Maximilian Scheer | 155 |
| <i>Rogério Paulo Madeira</i> | |

| | |
|---|------------|
| Lisboa, a última instância da Europa: <i>And the Bridge is Love</i> de Alma Mahler-Werfel | 165 |
| <i>Manuela Veloso</i> | |
| Moritz Ernst Lesser (1882-1958), arquitecto 1933. Berlin-Brandenburg, Lisboa | 175 |
| <i>Marta Peters Arriscado de Oliveira</i> | |
| Hein Semke – com flores nasceu a Liberdade | 219 |
| <i>Gerald Bår</i> | |
| Breve nota em torno do exílio português de Friedrich e Gretchen Wohlwill | 241 |
| <i>Fernando Clara</i> | |
| Entre a Alemanha e Portugal: as cartas de Gretchen Wohlwill à amiga Ilse Losa | 255 |
| <i>Teresa Martins de Oliveira</i> | |

Introdução

Teresa Martins de Oliveira e Maria Antónia Gaspar Teixeira

Foi sobretudo nas duas últimas décadas que, integradas no crescente interesse pelos estudos sobre o Holocausto, surgiram entre nós reflexões sistemáticas sobre o grande número de refugiados que chegava a Portugal ou por cá passava em fuga ao nacional-socialismo.

Graças a esses estudos – baseados, quer na análise de documentação de arquivos e de legislação sobre os refugiados, sobre as condições do seu acolhimento e do papel que nele tiveram as associações nacionais e internacionais de assistência, quer na recolha de depoimentos pessoais, tanto escritos como orais, de muitos intervenientes –, é possível hoje perceber o papel de Portugal nas rotas de fuga ao regime de Hitler e enquanto país de trânsito. Existem igualmente trabalhos importantes, principalmente de pendor académico e publicados em revistas da especialidade, sobre escritos autobiográficos ou ficcionais de escritores e intelectuais alemães ou de língua alemã que de alguma forma viveram o exílio em Portugal. Vários desses estudos referem que os autores estariam muito mais interessados nas suas próprias condições de vida e de fuga do que no país que os acolhia, faltando frequentemente aos textos que escreveram, por isso, uma verdadeira dimensão quer estética quer documental.

Todavia, nos últimos anos e na esteira dos Estudos de Memória, que remontam já aos anos 80, tem-se verificado um interesse acrescido por textos da memória cultural, com especial enfoque em documentos sobre o eu, como autobiografias, cartas e espólios de uma forma geral. Com esta abordagem memorialista se cruzam as perspetivas multi, inter e transdisciplinares, privilegiando a importância a conferir a experiências de fronteira (políticas, territoriais, linguísticas e estéticas) que a vivência exílica e as suas manifestações artísticas representam. De facto, um novo olhar sobre os espaços «entre» trouxe um outro interesse à ques-

tão das rotas do exílio enquanto espaço de experiência cultural, que se têm tornado (também elas) alvo de novas investigações críticas e de correspondentes alargamentos semânticos. Veja-se, como exemplo, o último número, de 2017, do anuário *Exilforschung* – que Jochen Vogt considera, no artigo de abertura deste volume, como sismógrafo da evolução dos Estudos sobre o Exílio –, o qual leva o título de *Passagen des Exils* [Rotas do exílio].

Portugal como rota de exílio ganhou, assim, um novo significado que esteve na origem dos textos que este volume congrega. Com ele se pretende dar visibilidade a artistas de língua alemã que viveram o seu exílio em Portugal ou que por aqui passaram – alguns caídos no esquecimento –, bem como um novo enfoque aos seus trabalhos, revisitando ou (re)descobrimdo não apenas obras literárias, mas também outras formas artísticas, nelas procurando sinais diretos e indiretos dessa experiência no nosso país. Como marcam as rotas (transportes, esperas, experiência de perseguição e fuga, contacto com uma nova cultura) as obras dos artistas, como são descritas, interpretadas ou reprimidas? Como preencher o espaço entre o lá e o aqui, o antes e o agora? Que experiência do exílio se vai criando e como concorre ela para uma nova percepção e construção identitárias?

O carácter heterogéneo deste volume sobre artistas de língua alemã no exílio português, com artigos da responsabilidade dos respetivos autores, plasma-se, desde logo, nos dois textos de pendor introdutório, da responsabilidade de um germanista alemão e de uma historiadora portuguesa, respetivamente. Jochen Vogt abre a publicação com uma reflexão, centrada na RFA, sobre o acolhimento dado à literatura de exílio de expressão alemã depois de 1933, quer pelo mercado literário, quer pelos estudos de Germanística. Partindo do clima de rejeição que começou por rodear os grandes escritores exilados, com forte repercussão na crítica literária e na academia, o autor foca a evolução, tardia mas muito extensa e multifacetada, que esses estudos têm vindo a conhecer a partir dos anos 70 e 80, também devido à cooperação internacional e de novos ramos do saber. Por seu turno, Irene Flunser Pimentel propõe-se oferecer uma panorâmica sobre o quotidiano português dos refugiados do nacional-socialismo, quer na zona de Lisboa, quer em locais de residência fixa um pouco por todo o país. Debruça-se ainda sobre a percepção de Portugal por parte dos refugiados de língua alemã.

Os artigos dedicados à análise de textos literários começam com dois estudos sobre a escritora Ilse Losa, os quais, para além de reflexões sobre a construção de identidade e o papel que a aquisição de uma nova linguagem assume nesse processo, se centram em duas facetas complementares da obra da autora: Ana

Isabel Marques destaca o romance *Sob céus estranhos*, equacionando-o com a dimensão autobiográfica e o contexto editorial e de escrita. Gerd Hammer, no único artigo em língua alemã que integra o volume – o nosso contributo para inverter a escassa divulgação internacional de Ilse Losa, apesar da publicação na Alemanha de parte da sua obra –, vê nos textos da autora a resposta a uma crise pessoal, com a escrita enquanto bússola no processo de busca de uma nova identidade e de uma posição na vida (literária) da pátria adotiva.

Os estudos seguintes tratam diferentes motivos em torno de experiências exílicas. Congregam depoimentos quer de ficcionistas, quer de jornalistas de língua alemã, nomeadamente sobre a perceção do outro numa perspectiva imagológica e intercultural, com frequente destaque para questões sociais e políticas, mas também a reflexão acerca da condição de exilado e a busca de orientação existencial. São de realçar novos olhares e um gratificante alargamento a informações até hoje desconhecidas que distinguem alguns dos textos: Maria de Fátima Gil estuda a presença de Stefan e Friderike Zweig em Portugal, aduzindo correspondência inédita sobre o papel do Director do Serviço de Propaganda Nacional, António Ferro, no salvamento da ex-mulher do escritor através de Lisboa. Além disso, o ensaio analisa as imagens que Stefan e Friderike Zweig criam de Portugal e procura relacionar essas representações, não apenas com as diferentes circunstâncias históricas dos dois autores, mas também com as suas respectivas concepções do exílio. Já Maria Antónia Gaspar Teixeira trata a novela *Ruhe auf der Flucht* [Paz na fuga], de Hermann Grab, por ele designada como «um quadro em miniatura» da sua própria passagem por Portugal. Mostra como esta narrativa, concentrando-se embora num «microcosmos do exílio», não descarta um breve mas muito preciso quadro multifacetado de Lisboa ao mesmo tempo que ilustra exemplarmente o pungente destino dos refugiados do nacional-socialismo. Maria de Lurdes Neves Godinho concentra-se na capital portuguesa, desenvolvendo, entre outros motivos, as representações contraditórias da cidade de Lisboa enquanto «imagem derradeira da Europa» em obras de Erich Maria Remarque, Alfred Döblin e Heinrich Mann. Vê nessas imagens, na esteira de Willi Jaspers, exemplos de «memórias de transfiguração sentimental».

Menos emocional e mais social e político será o olhar que enforma os textos jornalísticos ou ficcionais tratados quer por Gonçalo Vilas-Boas, quer por Rogério Madeira. Gonçalo Vilas-Boas traz-nos uma perspectiva diferente e única neste volume, ao tematizar o depoimento da uma autora/artista que, não sendo ela própria exilada, escreve como reacção à sua breve passagem por Lisboa dois pequenos

textos à volta da situação exílica dos que em Portugal fugiam ao avanço de Hitler. Trata-se de uma reportagem e de um conto – traindo desde logo, a condição dúplice de jornalista e de escritora de Erika Mann –, que revelam um olhar politicamente engajado sobre Portugal e a dramática condição dos refugiados. Também Rogério Madeira trata a figura de um jornalista e escritor, Maximilian Scheer, hoje praticamente esquecido. O estudo ocupa-se essencialmente da obra autobiográfica *Begegnungen in Europa und Amerika* [Encontros na Europa e na América], destacando a forma como Scheer, ideologicamente comprometido com movimentos de esquerda, denuncia traços identitários e outros aspetos representativos da realidade sociopolítica portuguesa em pleno Estado Novo. Antes de passarmos aos artigos dedicados ao grupo dos artistas e intelectuais, surge ainda o contributo de Manuela Veloso. Partindo da autobiografia de Alma Mahler-Werfel *And the Bridge is Love – Memories of a Lifetime*, o artigo debruça-se sobre a figura singular daquela que foi musa inspiradora de diferentes artistas, dando ainda a conhecer o «poli-drama» *Alma* – uma peça do israelita Joshua Sobol, que recria a rota de exílio de Alma.

Os últimos artigos do volume refletem sobre figuras e obras de artistas e intelectuais de língua alemã cuja rota de exílio os conduziu a Portugal, onde os traços da sua presença são mais ou menos notórios ou totalmente impercetíveis, aduzindo estes trabalhos muitas informações desconhecidas. A abrir este grupo de artigos, o estudo de Marta Peters Arriscado de Oliveira traz-nos o resultado de uma investigação aturada que lhe permitiu redescobrir o trajeto português do conhecido arquiteto berlinense Moritz Ernst Lesser e as marcas, hoje esquecidas, do seu trabalho em Portugal. Para além das muitas e inovadoras conclusões, este trabalho abre surpreendentes pistas de investigação quanto ao que poderá ter sido a influência do arquiteto alemão sobre os seus congéneres portugueses. Gerald Bär trata a figura do pintor e escultor Hein Semke, que se radicou definitivamente entre nós depois da sua obra ter sido considerada por Hitler como «arte degenerada». Através de documentos (auto)biográficos, reflexões poéticas do artista, bem como de comentários de conhecidos e de críticos, são reconstruídos aspetos da sua vida e obra que mostram a sua influência na produção artística nacional e a participação em exposições durante o Estado Novo, dando visibilidade e reconhecimento público a esta produção. Por sua vez, Fernando Clara foca-se no período lisboeta do exílio dos judeus alemães Friedrich Wohlwill, patologista, e da sua irmã, a pintora Gretchen Wohlwill, e propõe-se reconstruir o seu exílio, tendo em conta as condições locais de acolhimento. O autor dá des-

taque às relações científicas já então existentes entre Portugal e a Alemanha na área da medicina que possibilitam e justificam a rápida e profícua inserção do Professor Wohlwill em Portugal, bem como à variada e surpreendente rede de relações que a pintora Gretchen Wohlwill estabeleceu na sua estadia em Portugal. A pintora Gretchen Wohlwill está também no centro do artigo de autoria de Teresa Martins de Oliveira, que fecha este volume. Partindo de 48 cartas e de oito postais inéditos da pintora à amiga e confidente Ilse Losa, procura traçar-se um retrato multifacetado da pintora, desde as suas orientações artísticas, literárias, políticas, ideológicas e religiosas até à eventual e recíproca contaminação artística entre a pintora e o meio artístico português que frequentou.

A terminar, agradecemos ao Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que possibilitou esta publicação.

